Extrait [illegible]

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

MOÇAMBIQUE

COMMUNICAÇÃO Á SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA NAS SESSÕES DE 6, 13 E 22 DE DEZEMBRO DE 1880

POR

JOAQUIM JOSÉ MACHADO

Major de engenheria, director das obras publicas de Moçambique, socio ordinario da mesma sociedade, etc.

LISBOA
CASA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
81 — RUA DO ALECRIM — 83
1881

3 1761 09621175 0

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/mocambique00mach

EXTRAHIDO DAS ACTAS

Sessão em 6 de dezembro de 1880

PRESIDENCIA DO ex.mo sr. dr. Barboza du Bocage

SECRETARIOS { Luciano Cordeiro
Rodrigo Affonso Pequito

. . . . . .

O sr. Fernando Pedroso, observando que estavam presentes dois consocios que conheciam a provincia de Moçambique, o sr. Joaquim José Machado, director de obras publicas chegado ha pouco a Lisboa, e o sr. Paiva d'Andrada, concessionario da região do Zambeze, alludiu ao que dissera na sessão antecedente a respeito dos consocios que regressassem do ultramar, a fim d'estes cavalheiros se dignarem expôr á sociedade o que entendessem dever communicar-lhe sobre aquella provincia.

O sr. JOAQUIM JOSÉ MACHADO, obtendo a palavra, começou por agradecer a sua eleição de socio, declarando que o não havia feito mais cedo porque aguardava a occasião de testemunhar pessoalmente a sua gratidão. Em seguida disse que o convite muito honroso que lhe faziam se podia encarar de dois modos: 1.º para communicar á sociedade o que se havia realisado em obras publicas, cuja direcção lhe pertencera; 2.º para expôr a sua opinião sobre as varias questões que interessam á provincia de Moçambique. Não se occuparia das obras publicas, porque a este respeito existiam no ministerio da mari-

nha e ultramar dois relatorios que para ali enviára, um dos quaes se achava já publicado, e o outro estava em via de publicação. Trataria, por conseguinte, de outros assumptos, mas não o poderia fazer n'uma só sessão da sociedade, e pedia que em cada sessão lhe fosse permittido usar da palavra por algum tempo.

Declarando que n'esta sessão se occuparia do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal, principiou a avaliar a sua necessidade, demonstrando-a com a difficuldade e impossibilidade que havia de se fazer o transporte dos productos, visto que tendo de recorrer-se aos animaes domesticos, eram estes victimas da mosca *tsé-tsé*, a qual mais tarde desappareceria com o progresso da civilisação, que o caminho de ferro fosse ali desenvolver. Fundamentando esta sua opinião a respeito da *tsé-tsé*, disse que se apoiava na observação propria, que o levava a julgar que aquella mosca se alimentava do sangue dos grandes animaes selvaticos, porque por occasião dos primeiros estudos do caminho de ferro em fins de outubro e principios de novembro de 1878, não tinha ainda chovido, e por conseguinte não havia pastagens, não encontrára esses animaes e não vira a mosca; e que, mais tarde, por occasião dos estudos definitivos, na epoca das chuvas, havendo já pastos, encontrára lá os animaes silvestres e a mosca. Ora, o aproveitamento dos terrenos para a cultura e a caça, contribuiria para o afastamento d'aquelles animaes e para a extincção da mosca n'aquella região. Continuando a apreciar a importancia economica do caminho de ferro notou que a riqueza mineralogica do Transwaal não podia ser aproveitada, pela impossibilidade de fazer exportações, e que a falta de communicações com a costa onerava já em demasia as importações, encarecendo extraordinariamente o preço dos productos.

Descreveu depois os meios a que tinha recorrido para calcular o trafico d'este caminho de ferro, no que encontrára muitos embaraços, pela falta que então havia de dados estatisticos e outros elementos auxiliares d'aquelle calculo. Comtudo, fôra grande a sua satisfação, quando mais tarde, tendo-se constituido no Transwaal uma camara de commercio, e sendo esta convidada

pelo governador a dar a sua opinião sobre a construcção de uma via ferrea que ligasse aquelle estado com a costa, vira que os calculos d'essa corporação coincidiam com os que, elle orador, havia feito dois annos antes; e folgava de ver assim confirmada a sua opinião de que o caminho de ferro á fronteira do Transwaal era uma verdadeira empreza commercial, por que esta circumstancia o habilitava a pedir desassombradamente á sociedade de geographia que se interessasse deveras por um tão importante melhoramento, e com toda a sua auctoridade chamasse a attenção do governo para este assumpto.

Que o caminho de ferro era a questão dominante no Transwaal, a unica e a grande preoccupação de todos os habitantes mais considerados; e a ponto de se dizer que tinham acceitado a dominação ingleza por lhes ter sido promettida a construcção da linha ferrea para a costa. Havia ali, muito naturalmente, dois partidos, um dos quaes opinava pelo traçado de Pretoria a Lourenço Marques, e outro pelo de Pretoria a Durban, segundo as conveniencias pessoaes. Passou em seguida a fazer a comparação dos dois traçados, declarando que o de Lourenço Marques offerecia todas as vantagens sobre o de Durban, não só porque o porto de Lourenço Marques era muito mais importante do que o de Durban e a navegação encontrava n'elle mais facilidades e segurança, mas ainda porque a menor distancia e a orographia do paiz recommendavam a prefereneia do traçado de Lourenço Marques. Que em alguns caminhos de ferro existentes no Natal, a difficuldade de exploracão era enorme; um d'estes caminhos, por exemplo, de Durban a Pietermaritzburg, tinha curvas de 60 metros de raio e rampas de 35 millimetros por metro, e em muitos pontos succediam-se as curvas ás contra-curvas de modo que os comboios só se podiam compôr da machina e de duas carruagens, trafico este que evidentemente não compensava as despezas de exploração. Pondo a par d'estas condições, aquellas em que se encontrava o traçado de Lourenço Marques, disse que por elle se via que as curvas tinham o minimo 200 metros de raio e as rampas eram de 15 millimetros por metro, e finalmente que a construcção seria feita com muita vantagem por 19 contos de réis por ki-

lometro, preço excepcional e muito inferior ao de todos os caminhos de ferro europeus.

Que na sua opinião e na de muitos cavalheiros conhecedores d'aquella região, a linha ferrea de Lourenço Marques á fronteira do Transwaal faria uma transformação completa no districto e na provincia, engrandecendo consideravelmente aquella nossa possessão da costa oriental de Africa; e que estava convencido de que o caminho de ferro deveria forçosamente construir-se porque não era dado aos homens desprezar as excellentes condições naturaes que ali se encontravam.

Referindo-se depois a outros meios de communicação que deviam tambem realisar-se, disse que era indispensavel a construcção do canal de Quáqua, na extensão de 130 kilometros, para ligar o Zambeze ao rio de Quilimane; porque tendo outr'ora sido navegavel não dava hoje passagem a nenhum barco, por mais pequeno que fosse, pois a vegetação muito densa a impedia. Que para as relações com o interior deviamos aproveitar os excellentes rios que ali correm, ligando os pontos entre os quaes elles são innavegaveis por alguns caminhos de ferro de pequena extensão. O Chire, por exemplo, que pode ser navegado desde a sua confluencia com o Zambeze, até as cataractas de Murchison, seria utilisado até Chibisa. De Chibisa a Tete podia construir-se um caminho de ferro de via reduzida de 120 kilometros. De Tete seguir-se-ia pelo Zambeze até as cachoeiras de Quebra-bassa, as quaes se venceriam com outro caminho de ferro de 30 kilometros, continuando depois pelo Zambeze até o Zumbo, de onde se aproveitaria o Cafué, etc. Por outro lado e utilisando tambem o Chire até as cataractas do Murchison, poderiam estas ser vencidas com uma linha ferrea de 86 kilometros, e entrando novamente no Chire, estariamos em communicação com o Nyassa, verdadeiro mar interior, cuja importancia parece ser desconhecida em Portugal.

Como complemento natural d'estes melhoramentos deveria tambem dar-se attenção á necessidade que havia de linhas telegraphicas. A direcção de obras publicas de Moçambique, a seu cargo, tinha tido a honra de constituir a primeira linha telegraphi-

ca da provincia, na extensão de 30 kilometros, da barra á villa de Quilimane, linha que offerecia muitos beneficios ao serviço e movimento maritimo. Que muitas outras linhas se tornavam indispensaveis, e ennumerando as principaes, lembrou uma de Quilimane para Moçambique; outra de Quilimane para Tete, seguindo o curso do Zambeze; outra do ponto de confluencia do Zambeze e Chire para o Nyassa, seguindo o curso do Chire; e, finalmente, uma outra de Inhambane para Lourenço Marques. Que por meio d'estas linhas e da do cabo submarino que toca em Lourenço Marques e Moçambique, a provincia ficava ligada telegraphicamente á Europa.

Suspendendo n'este ponto a sua communicação, declarou que se reservava como havia dito ao principiar, para na sessão seguinte tratar de outros assumptos; porém que antes de terminar desejava dizer algumas palavras sobre o clima d'Africa, porque em Portugal era elle muito mal conhecido, mesmo pelos cavalheiros mais illustrados.

Que ao acceitar a commissão de director das obras publicas, todas as pessoas das suas relações se empenhavam em lhe tirar a idéa de ir para a provincia de Moçambique. Que luctára com algumas difficuldades para prehencher os quadros do pesssoal, pois que todos a quem fallava exigiam que o governo lhes garantisse uma pensão para as respectivas familias, no caso de morte; e que sendo isto impossivel tinham recorrido ás companhias de seguros de vidas, as quaes, promptas ao principio para fazer o contracto, depois se recusavam terminantemente a celebral-o, por qualquer preço, quando sabiam que as vidas seguras pertenciam a homens que iam n'uma expedição de obras publicas para a Africa oriental.

A tantos sustos e receios infundados oppunha elle orador os factos, apresentando os seus companheiros de trabalho, apresentando se a si proprio, pois que tendo estado quatro annos em Moçambique, se encontrava hoje com a sua saude em perfeito estado, tendo a fortuna de poder affirmar que no pessoal da expedição não houvera um caso fatal devido ao clima. Era certo existirem ali as febres, chamadas do paiz, mas que os que tinham de trabalhar não se preocupavam com ellas, embora

fizessem uso de medicamentos, e davam-lhes a mesma importancia que em Portugal tem as constipações.

Ora, não havendo europeus na provincia de Moçambique alem dos que pertencem ao funccionalismo publico e dos degradados, e sendo certo que só do convivio com o branco pode o negro tirar resultado para a sua civilisação, era evidente a urgencia de fazer desapparecer os receios que em Portugal existiam pelo clima d'Africa; e que esta missão pertencia evidentemente á sociedade de geographia.

Era preciso que não só se imprimissem todos os relatorios e informações, mas tambem que se espalhassem largamente e fizessem chegar ás mãos de todos. Ao partir para Africa quizera consultar alguma cousa que se houvesse escripto sobre Moçambique, e nada encontrára; mais tarde soubera da existencia de alguns trabalhos, os quaes tendo tido uma publicidade muito restricta não tinham sido aproveitados por elle orador, como o não eram pelo grande numero de pessoas a quem o conhecimento d'elles interessava. Notára ao regressar a Portugal que a opinião a respeito de Africa tinha mudado consideravelmente n'estes quatro annos, entre as pessoas illustradas, o que se devia certamente á sociedade de geographia, com a qual se congratulava, porém que entre o povo a opinião era ainda a mesma e devia modificar-se.

O sr. Machado que durante a sua exposição fôra por varias vezes muito apoiado recebeu, no fim, uma saudação enthusiastica por parte da assemblea, sendo novamente applaudido com uma salva de palmas.

O sr. presidente disse que lhe cumpria, em nome da sociedade, significar ao illustre consocio sr. Machado a satisfação com que fôra ouvida a sua interessante communicação, o que fazia com tanto maior prazer quanto estava convencido de que as informações de homens competentes e muito illustrados, como o digno director das obras publicas de Moçambique, eram de subido valor e serviam poderosamente para illucidar todas as questões que na metropole se ventilassem a respeito do ultramar. Esperava, por conseguinte, que em outras sessões o sr. Machado se dignasse continuar, como havia promettido,

a expôr á sociedade as observações que intelligentemente colhera durante o tempo que estivera em Moçambique, e pelas quaes se tornava credor dos nossos agradecimentos. Foram muito apoiadas estas palavras.

O sr. Ferreira Ribeiro felicitou o sr. Machado pela sua brilhante communicação e, referindo-se a alguns pontos d'ella, disse que tambem a elle orador lhe succedera o não ter encontrado trabalhos alguns sobre a provincia de S. Thomé e Principe, quando para ali fôra em serviço medico no anno de 1867, o que o demovera a escrever um livro que corria impresso. Que as informações dadas sobre o clima eram muito curiosas e desejava referir-se a ellas n'outra sessão, pelo que pedia para ficar inscripto antes do sr. Machado, no caso de sua ex.ª se não oppôr. Que a lei considerando a costa oriental d'Africa em peiores condições do que a costa occidental, marcava que dez annos de serviço medico n'aquella costa correspondiam a doze annos n'esta, porém que em vista do que dizia o sr. Machado não havia razão para tal differença. Era importante o assumpto e na sessão seguinte apresentaria algumas observações.

. . . . . .

Sessão em 13 de dezembro de 1880

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. DR. BARBOZA DU BOCAGE

SECRETARIOS { Luciano Cordeiro
Rodrigo Affonso Pequito

.....

O sr. presidente informou que fôra annunciado para ordem do dia: «Observações do sr. Ferreira Ribeiro sobre o clima d'Africa. Communicação do sr. Joaquim José Machado acerca de Moçambique. Eleição dos corpos gerentes»; mas que a eleição não podendo fazer-se n'esta sessão por falta de numero legal de socios, far-se-hia na sessão seguinte com o numemero que comparecesse; e que iria dar seguidamente a palavra aos srs. Ferreira Ribeiro e Joaquim José Machado.

O sr. Ferreira Ribeiro começou por declarar que julgava do seu dever fazer algumas considerações a proposito do que ouvira ao distincto engenheiro sr. Machado, na sessão antecedente, quando este se referira ao clima de Moçambique, e o que se achava claramente indicado na acta d'essa sessão. Lamentava ter de roubar algum tempo á assembléa, a qual desejava ouvir as importantissimas informações do illustrado director das obras publicas d'aquella provincia; e que, attendendo a isso, faria apenas referencia aos factos principaes, e poria de parte muitas outras considerações que desejaria tambem apresentar.

Em seguida procedeu á leitura de um extenso trabalho, no qual principiava por affirmar que do assumpto em questão dependia o futuro das nossas possessões africanas, pois que sem o exacto conhecimento da natureza do clima, qualquer tentativa de colonisação seria sempre arriscada. Prestava a devida homenagem de respeito aos illustres funccionarios que expunham francamente, ácerca do clima, as boas impressões recebidas durante o tempo em que haviam estado em Africa; e para mostrar que o director das obras publicas da provincia de Angola, o distincto engenheiro sr. Manuel Raphael Gorjão, pensava do mesmo modo que o seu collega sr. Machado, daria conhecimento á assemblea do seguinte documento, publicado já no Boletim official da provincia:

«Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de participar a V.ª Ex.ª que no dia 22 do corrente terminam os trabalhos da 1.ª campanha dos estudos definitivos do caminho de ferro.

«A 23 retiro para o Dondo, d'onde espero partir a 25 para Loanda.

«Não podendo dar agora a V.ª Ex.ª informações minuciosas ácerca dos trabalhos, tenho comtudo a honra de informar a V.ª Ex.ª que o resultado obtido é bastante importante e de certo superior, graças á vigorosa saude que, quasi sem excepção, tem gosado o pessoal technico, o que não era de esperar em presença das condições pouco favoraveis em que foram executados os trabalhos de campo.

«Deus guarde a V.ª Ex.ª Acampamento junto á foz do Luinha em Oeiras, 19 de outubro de 1877—Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro governador geral da provincia—*Manuel Raphael Gorjão*, major de engenheria».

Era evidente que a abnegação existia por igual nos distinctissimos directores das obras publicas de Moçambique e Angola, pelo que eram dignos dos maiores louvores. O sr. Machado affirmára perante a assemblea que o clima de Moçambique lhe permittira terminar a sua commissão, sem prejudicar a saude; e o sr. Gorjão, como acabára de mostrar, fizera uma declaração analoga, no fim da sua primeira campanha. Referindo-se ainda ao documento citado disse que elle não poderia ser comprehen-

dido pela maior parte das pessoas, por se não conhecer bem a opinião que corria em Africa a respeito de alguns dos logares indicados. O Dondo, por exemplo, tinha tal fama de insalubridade e era tão severamente julgado em outros documentos officiaes, que se affirmava que o europeu que ali permanecesse tres dias sequer, seria fatalmente acommettido de febres graves.

Julgava absolutamente indispensavel a vulgarisação de tudo que dissesse respeito aos territorios africanos, quer fosse em bem quer em mal; e sentia que não houvesse, para similhante propaganda, os necessarios livros populares sobre questões coloniaes. Comtudo, graças á sociedade de geographia, tinhamos as communicações e as conferencias, que eram por assim dizer livros animados, cujas informações melhor se insinuavam no espirito dos ouvintes. Continuando a apreciar os maravilhosos resultados que se obtem sempre que se advogar qualquer causa, por meio do livro, do jornalismo e das conferencias, disse que a celebração do terceiro centenario do grande geographo e expedicionario do seculo XVI provava brilhantemente a efficacia d'aquella propaganda.

Por muito grande que fosse o desejo que tinha de reduzir as suas considerações, não podia deixar de referir-se aos trabalhos da expedição de obras publicas á provincia de Angola, expedição de que fizera parte como medico, circumstancia esta que o levára a conhecer muitos factos, por ter sido testemunha presencial d'elles.

Ao mesmo tempo que estudára o clima de Angola, podéra assistir á inauguração de valiosissimos melhoramentos, de alguns dos quaes mal havia noticia entre nós, e outros eram totalmente desconhecidos. Citava, por exemplo, a linha telegraphica já estabelecida, na extensão de 400 kilometros, a leste de Loanda, rendendo, em média, quatrocentos mil réis mensaes, e estando perfeitamente comprovada a sua vantagem economica e a sua importancia politica; para o que bastava lembrar o que succedera por occasião das hostilidades com que intentára ameaçar o soba Cabôco, que um dos governadores da provincia permittira enriquecer á vontade, pois que, em resultado da correspondencia telegraphica, e pela rapidez com que ali compareceram as

forças militares, se conseguira manter em respeito o mencionado soba. Devia-se tambem á expedição de obras publicas a existencia em Loanda de uma officina de primeira ordem para trabalhos em ferro, um dos melhores hospitaes da provincia, e um observatorio meteorologico em boas condições. Além d'isto havia plantas topographicas de muitas povoações, e tinham-se feito os estudos definitivos de via ferrea na extensão de 200 kilometros, e de estradas districtaes na de 180 kilometros.

Entre todos os melhoramentos citava a fundação da escola profissional para os indigenas, como aquelle que mais contribuiria e seria um poderosissimo auxiliar do progresso e da civilisação nas terras africanas.

Muito mais teria que dizer, mas era forçoso entrar na questão principal, sobre que pedira a palavra.

Deviamos, pelo que respeitava ao clima, fazer distincção entre aclimação individual e aclimação de familia ou de raça. Que um funccionario ou um operario podia permanecer n'um logar palustre, não havia nem podia haver duvida alguma, sendo apenas questão de tempo a maior ou menor resistencia á acção do miasma. Porém o caso era differente quando se tratasse dos colonos, dos individuos que iam cavar o solo para adquirir a sustentação, porque esses, curvados sobre o terreno e recebendo os miasmas em toda a sua intensidade, morriam em menos de trinta dias, do que podia citar alguns factos.

Que era certo e não tinha duvida em affirmar que não ha adaptação organica ao miasma, e que, portanto, é difficil constituir a familia e impossivel implantar a raça. Poderia citar valiosas estatisticas para fundamentar estas asserções; mas que embora o não fizesse por se não querer alongar, todos sabiam que não existiam na Africa familias europeas em terceira geração.

Alludiu aos desastres das colonias que se pretendeu estabelecer nos Dembos, Golungo Alto, Duque de Bragança, Huilla, Oeiras, etc., e, fazendo votos para que se não esquecessem os fecundos principios da hygiene combinados com a escolha das regiões salubres, disse que a repetição d'aquelles desastres em materia de colonisação seria, no actual estado de cousas, de

um incalculavel prejuizo e affastaria a emigração do proprio pessoal diriginte. Que a unica colonia que possuiamos na Africa era a de Mossamedes, e que este ponto nos mostrava o caminho que deviamos seguir para entrar nos vastos sertões africanos. A' sociedade de geographia pertencia empregar todos os esforços para que se não fizessem illusões ácerca d'Africa, e ao mesmo tempo para dotar aquelle continente com os melhoramentos que temos obrigação de introduzir ali.

O sr. Joaquim José Machado, disse que o sr. Ferreira Ribeiro o obrigava a alterar a ordem das suas idéas, e que, antes de continuar a sua communicação á sociedade, diria alguma cousa em resposta áquelle consocio. Não discutiria o clima da Africa, porque não estava habilitado a entrar na discussão scientifica de um tão importante assumpto. Argumentava simplesmente com os factos; e se estes lhe permittiram que fosse exagerado, querendo fazer com que desapparecessem os sustos pelo clima africano, tambem não havia duvida alguma de que o sr. Ferreira Ribeiro fôra exageradissimo, condemnando aquelle clima. Estimava que os factos o auctorisassem a dizer que não era verdade que os colonos morressem em trinta dias, embora lhe pesasse ter de contradictar a asserção do sr. Ribeiro. Dissera na sessão passada e repetia n'esta, que na Europa havia um grande panico pelo clima d'Africa e que não encontrára fundamento para similhante terror; porém isto não significava que ali não houvesse doenças. Morre-se na Africa como se morre na Europa e em toda a parte; a unica differença, que se póde notar, é que em Africa não ha recursos para combater as doenças; e se este facto se désse geralmente na Europa succederia aqui o mesmo do que succede lá, valendo simplesmente aos doentes uma especie de força medicatriz da natureza. Póde porventura deduzir-se de similhante situação que o clima africano seja mortifero? Certamente que não.

Accrescentou que na provincia de Moçambique havia effectivamente algumas doenças; comtudo, se fossem devidamente tratadas, evitar-se-ia com facilidade que se tornassem fataes. Que havia ali muitos logares insalubres, como os havia na Europa, como os havia em Portugal; e do mesmo modo que não se condemnava

por isto o clima geral da Europa, nem o clima especial de Portugal, assim, elle orador, não admittia que se condemnasse o clima do grande continente africano. E tanto mais que se lhe afigurava trabalho facil, o desapparecimento das causas de insalubridade, em muitos pontos. Citou, para exemplo, o estado de Lourenço Marques; e disse que, o que prejudicava esta terra, era um pantano mixto, que havia, de agua doce e agua salgada; mas que fora rapida a transformação porque a localidade passou, logo que o pantano foi deseccado pela expedição de obras publicas, podendo hoje dizer-se que se vive ali tão bem como na Europa, pelo que respeita ao clima.

Insistindo na questão do tratamento das doenças, observou que, em logar de dizermos ao publico que o clima d'Africa é mortifero, dissessemos aos poderes competentes que são más e muito más as condições em que se acham todos os hospitaes da provincia de Moçambique; que dissessemos igualmente que essas condições poderiam melhorar-se com pequeno dispendio, em relação ao numero de homens que, pelo tratamento devido, podiamos arrancar á morte e entregar ao trabalho. Em Lourenço Marques não havia hospital quando ali chegou a expedição de obras publicas. Em Moçambique o hospital estava de modo tal que os doentes entravam com febres e sahiam com dysenteria; e que os operarios da expedição, tendo direito pelo seu contracto a quinhentos réis por dia e a tratamento no caso de doença, antes queriam perder esta gratificação e despender do seu bolso com o tratamento particular, do que entrar em similhante hospital. Em Quilimane havia um hospital onde muitos doentes estavam deitados no chão. Em Tete, o anno passado, ainda não havia um medico, e hoje, que o possue, não ha remedios. Em Senna não ha medico, nem enfermeiro, nem remedios. N'esta localidade vira, elle orador, em uma palhota pequena, dez soldados cheios de sarna e sem tratamento algum. Ao terminar esta resenha do estado em que encontrára o serviço sanitario, disse que as consequencias fataes de tão deploravel situação não podiam nem deviam ser attribuidas ao clima, mas sim á nossa incuria. Não queria, elle orador, fazer illusões ácerca da Africa, e a prova estava na franqueza com que apresentava

este quadro desolador, pedindo ao mesmo tempo as providencias indispensaveis; comtudo, sustentava que o clima d'Africa não era como se suppunha em Portugal, e a prova tinha-a no pessoal da expedição, o qual fôra naturalmente atacado de algumas doenças, que se debelaram com um tratamento conveniente.

Se havia alguns pontos que, antes de receberem a colonisação europea, necessitavam de varias obras de saneamento, outros se encontravam tambem em que essa colonisação podia estabelecer-se immediatamente. A questão era escolhel-os. Citou, para exemplo, a ilha da Inhaca, que era muito salubre; e bem assim indicou os districtos de Inhambane e Lourenço Marques, onde facilmente se encontravam muitos logares convenientes para os europeus. Exposto isto declarou que só mais adiante tencionava dar estas informações, que fôra obrigado a intercalar agora, na sua communicação, em virtude das observações do sr. Ferreira Ribeiro.

Passando a outro assumpto, disse que não queria por modo algum fallar do que havia feito e constava dos seus relatorios officiaes, mas sim do que restava fazer. Referira-se na sessão anterior ao caminho de ferro de Lourenço Marques, e desejava hoje accrescentar mais alguma cousa ao que então dissera sobre esta questão. Alludindo ainda á importancia d'aquella via ferrea e aos serviços que pode prestar, observou que ella faria aproveitar a riqueza carbonifera que existe n'uma região por onde passa o traçado, a 150 kilometros da costa, sendo o carvão já conhecido e de excellente qualidade. Ora, calculando o transporte a vinte réis por tonelada e por kilometro fica por tres mil réis, e addicionando mil réis para as despezas de extracção na mina, resulta que o preço de tão importante combustivel ficaria por quatro mil réis a tonelada, emquanto que hoje o seu preço em Moçambique e no Cabo é de tres libras.

Que tinha tanta fé n'esta linha ferrea, que se possuisse uma grande fortuna, que lhe permittisse construir o caminho, empregaria n'elle todos os seus haveres, solicitando do governo a respectiva concessão e sem garantias.

Affigurava-se-lhe que a questão principal do tratado de Lou-

renço Marques pendente com a Inglaterra, era a do caminho de ferro, e embora este offereça para Portugal todas as vantagens, independentemente de qualquer tratado, a construcção faria talvez desapparecer muitas difficuldades nas negociações diplomaticas.

Entendia tambem de absoluta necessidade fazer a construcção do caminho de ferro por administração, por ser esta occasião muito propicia e o trabalho muito importante para radicar ali o nome e a acção portugueza. Se o governo désse a construcção do caminho de ferro por adjudicação, e fosse, por exemplo, construido por uma companhia ingleza, isso seria muito prejudicial para o nosso paiz, não sendo decerto necessario que, elle orador, expozesse á assembléa todos os perigos que d'ahi resultavam, pois era facil prevel-os.

Não deviamos, porém, limitar-nos a este caminho de ferro; muitos outros se tornavam do mesmo modo importantes para communicarmos facilmente com o interior. A rede dos caminhos da Zambezia devia merecer tambem a nossa attenção, porque as duas companhias ali estabelecidas, a do opio do sr. Paiva Raposo e a do sr. Paiva de Andrada, alimentariam o trafico d'essas linhas, e tanto mais que esta ultima empreza estava na disposição de explorar a região carbonifera de Tete. Que de Moçambique officiára ao governo, propondo-se fazer os estudos de todas as linhas ferreas indicadas, e se a sua proposta tivesse sido acceita, ficaria n'aquella provincia o tempo que fosse necessario, porque o conhecimento que teve de tantas riquezas abandonadas, lhe despertaram o desejo de contribuir para o aproveitamento d'ellas, em beneficio do paiz.

Era urgente igualmente a construcção de estradas carreteiras e indicou as que primeiramente deviam construir-se.

Leu depois a seguinte copia do officio que dirigira ao governo:

«Ill.mo e ex.mo sr.— A abertura do canal Quáqua, destinado a estabelecer communicação entre os rios dos Bons Signaes e Zambeze, é uma das obras mais uteis e importantes a emprehender no districto de Quilimane.

«Ha bastante tempo que o engenheiro Affonso de Moraes Sar-

mento trabalha na execução do projecto d'este canal, cuja extensão mede aproximadamente 130 kilometros e espero que brevemente poderei remetter a v. ex.ª os respectivos desenhos, memorias e orçamentos.

«Para ajuizar qual o melhor meio de alimentar este canal nas epocas das estiagens fiz ultimamente um reconhecimento do terreno acompanhado pelo engenheiro Sarmento, e, aproveitando a occasião, visitei Sena e parte dos territorios da baixa Zambezia. Seguindo pela via fluvial até Mugurrumba, continuei a jornada por terra ao longo do Quáqua, e depois pela margem esquerda do Zambeze até ao Ziné-Ziné, d'onde embarquei para Sena atravessando o Zambeze.

«Na volta para Quilimane, em vez de navegar directamente rio abaixo, entrei no Ziné-Ziné, fui á lagôa Manzi e encontrando um canal navegavel por elle desci, desembocando no rio Chire, 30 kilometros a montante da serra Murrumballa.

«Não é meu intento fazer agora um relatorio circumstanciado d'esta pequena viagem, mas sim apresentar a v. ex.ª algumas considerações sobre o melhor systema de vias de communicação para o interior da Africa, tomando Quilimane para ponto de partida.

«As grandes difficuldades que offerece o Zambeze entre Sena e Tete para a navegação, principalmente nas epocas d'estiagem; as informações que colhemos de differentes individuos conhecedores do paiz; as excellentes condições do Chire, que percorremos em parte; e as direcções d'estes dois grandes rios quasi parallelos poucos kilometros a montante da sua confluencia, fez-nos suggerir a idéa que seria vantajoso preferir o rio Chire ao Zambeze para facilitar em parte as communicações do interior da Africa.

«Com effeito, aberto que seja o canal Quáqua, embarcações demandando 4 a 5 pés d'agua poderão navegar desde Quilimane até Chibiza percorrendo 96 kilometros no rio dos Bons Signaes de Quilimane á embocadura do Quáqua nas alturas de Mombucha, 130 kilomerros no canal Quáqua, 15 kilometros no Zambeze e 260 kilometros no rio Chire até Chibiza, ou uma extensão de 501 kilometros de via fluvial.

«De Chibiza a Tete, segundo a carta publicada pelo «Geographical Magazine» em agosto de 1877, vão apenas 137 kilometros e acreditando as informações dadas por differentes individuos muito conhecedores do paiz, esta distancia pode percorrer-se n'um terreno bastante regular, contornando-se a serra da Lupata pelo norte. Para cima de Tete a navegação do Zambeze está interrompida em 30 kilometros pelas cachoeiras de Quebra-bassa, mas antes e depois d'estas cachoeiras é o Zambeze francamente navegavel em 75 kilometros de Tete ao Mussanagué, e em 500 kilometros de Calhombe a Inhacôa proximo á confluencia do Cafué.

«Portanto abrindo-se o canal Quáqua, e construindo-se duas linhas ferreas, uma de 137 kilometros entre Chibiza e Tete, e outra de 30 kilometros ao longo de Quebra-bassa, ter-se-iam excellentes vias de communicação permanentes e commodas na extensão de 1:243 kilometros de Quilimane para o interior da Africa central, sem contar com a navegação do Cafué e das outras vias navegaveis affluentes do Zambeze.

«O grande problema, cuja solução interessa hoje todas as nações civilisadas, as communicações seguras para o interior do continente africano, ficaria assim em parte resolvido por um meio relativamente economico.

«A montante de Chibiza ficam as cataractas do Chire que impedem a navegação d'este rio em uma extensão de 85 kilometros.

«Vencendo-se tal distancia por um caminho de ferro teriamos aberto o lago Nyassa ao commercio de Quilimane e sahiriam por este porto todos os generos, da grande região d'aquelle lago, que hoje affluem a Zanzibar.

«Respondendo ha mezes a um officio da secretaria do governo geral, em que se me pedia para informar sobre o melhor caminho que conviria seguir do litoral para o Nyassa, propuz como melhor meio de resolver o problema, fazer um reconhecimento á zona de terreno comprehendida entre Quilimane, Moçambique, e o referido lago.

«Foi-me depois communicado pela mesma repartição que s.

ex.ª o governador geral resolvera submetter a minha proposta á decisão do governo de sua magestade.

«Estou hoje persuadido por ter viajado no Chire, e pelas informações que tenho colhido que querendo-se seguir do litoral para a região do Nyassa, a via fluvial dos rios Quilimane, Quáqua, Zambeze e Chire, é superior a qualquer outro caminho, salvo se o Licungo (por emquanto inexplorado) fôr facilmente navegavel até perto da sua origem.

«Affigura-se-me pois que antes de se emprehender o reconhecimento do paiz entre o litoral e o lago Nyassa, se deve proceder aos estudos e elaboração d'ante-projectos das tres linhas ferreas acima indicadas, na extensão total de 252 kilometros aproximadamente.

«A importancia de taes linhas poderá ser immediatamente avaliada por quem examinar uma carta d'esta parte d'Africa, e conheça as pronunciadas tendencias que hoje se manifestam em todos os paizes civilisados para a exploração do commercio, da agricultura e das minas no continente africano.

«Não affirmo que as condições actuaes da provincia de Moçambique, e especialmente das regiões limitrophes ao Zambeze, promettam um rendimento immediato ás linhas ferreas a que me refiro; mas creio que dentro de poucos annos, o capital que se empregar em taes construcções encontrará boa remuneração, se emprezas exploradoras quizerem aproveitar a riqueza do paiz, ou se uma numerosa emigração europea n'elle se fixar.

«Segundo todas as aparencias o quadro do pessoal technico determinado pela portaria de 27 de novembro de 1876 para o serviço das obras publicas d'esta provincia não é mantido; e, não vindo outros empregados substituir os actuaes, parecia-me conveniente que alguns d'estes funccionarios estudassem, embora imperfeitamente, as tres linhas ferreas que indiquei. Aclimatados como estão ao paiz desempenhariam este importante serviço com rapidez e economia.

«Os trabalhos de campo poderiam principiar em abril proximo, e só depois d'elles completos é que recolheriam a Lisboa os engenheiros e conductores n'elles empregados, embora termine

em março o tempo da commissão que hoje exercem. Para mais economia poder-se-hia fazer em Lisboa os trabalhos de gabinete. Calculo que os estudos das tres linhas que proponho não custarão quantia superior a 16:000$000 réis, suppondo os ordenados do pessoal technico pagos por esta verba.

«.....»

Passando a indicar os meios porque se ficariam communicando os differentes pontos da costa com o interior depois de realisados todos os trabalhos a que se havia referido, disse que de Lourenço Marques seguir-se ia pelo caminho de ferro do Transwaal; de Inhambane por uma estrada em direcção aos districtos do norte e nordéste do Transwaal; de Quilimane pelos rios Zambeze e Chire, vencendo as difficuldades naturaes com os pequenos caminhos de ferro a que já alludira; e de Moçambique pela estrada de Morangul a Namarral, da qual estão já construidos 12 kilometros, devendo ser depois prolongada em direcção á margem oriental do Nyassa, a fim de se poder vencer este lago.

Methodisando a sua exposição disse que trataria de avaliar summariamente a importancia das vias de communicação e a sua influencia no desenvolvimento do commercio, da industria, da agricultura, e no progresso da civilisação. Que o nosso grande erro consistia em nos limitarmos á costa; e que da facha maritima não podiamos tirar as vantagens que obteriamos se avançassemos para o interior. Occupámos outr'ora Sena, Tete e Zumbo, porem estes pontos tem decahido consideravelmente pelo abandono a que os votamos. Estavam tambem em boa situação Manica e Quiteve, centros de regiões auriferas de subido valor, muito povoadas e salubres

Indicou o que praticavam os inglezes, que procuram sempre estabelecer-se no interior, facto este a que, elle orador, attribuia principalmente o desenvolvimento do commercio nas possessões inglezas d'Africa. E que nós tinhamos tambem a prova d'isto n'um dos portos da costa oriental, o porto de Quilimane, que, pela circumstancia de communicar mais facilmente com o interior pelo rio Zambeze, tinha a sua exportação superior á importação, emquanto que nos outros portos se observava o contrario.

Referiu-se n'esta occasião ao que o sr. Francisco Chamiço dissera na sessão antecedente, ácerca do consumo dos nossos productos, e observou que os consumidores existiam já na Africa: eram os indigenas; e apenas se tornava necessario estabelecer relações com o interior, abrindo as vias de communicação. Faltando estas, como effectivamente faltavam, não admirava que a situação do commercio da provincia fosse desgraçada. Comtudo, notára que se achavam ali estabelecidas muitas casas estrangeiras de varias nacionalidades: francezas, inglezas, allemãs e hollandezas; e muito poucas portuguezas; do que resultava ser estrangeiro todo o commercio que se fazia em territorio nosso. Que isto era evidentemente prejudicial, ou antes, que não era para isto que os differentes paizes mantinham as suas colonias.

Desenvolvendo os beneficios que os differentes estados auferem dos seus dominios coloniaes, expoz que a provincia de Moçambique não podia offerecer nenhuma vantagem emquanto se mantivesse o actual estado de cousas, e que as riquezas que lá existem mereciam bem ser aproveitadas por nós.

Dava-se ainda n'aquella provincia um facto que merecia ser analysado convenientemente, a fim de se evitarem os damnos que elle nos estava causando. Alludia aos Baneanes Parses e Mouros da India, que, estabelecendo-se temporariamente em Moçambique, e vivendo peior do que os pretos, evitavam que se estabelecessem cazas portuguezas; porque os nossos commerciantes, precisando os confortos da civilisação, não podiam concorrer com aquella gente, que se satisfazia com mui limitados lucros. Além d'isso o seu commercio era principalmente com a India ingleza e a sua idéa predominante consistia em arrecadar o ouro que andava em circulação e exportal-o pelos seus navios. Que a prata e o cobre desapparciam tambem, embora fosse outra a causa: os pretos indigenas encontravam taes attractivos n'estas especies de moeda que as fundiam para os seus adereços. Ora, de tudo isto resultava não haver na circulação moeda metallica, e encontrarem-se apenas as notas da junta da fazenda e as do Banco Ultramarino, succedendo muitas vezes ser necessario trocar umas por outras de

valor differente. Tratou depois da urgencia que havia de empregar quaesquer meios tendentes a promover o estabelecimento de cazas de commercio portuguezas em Moçambique, e alvitrou a idéa de se augmentarem os impostos municipaes até onde se podessem economicamente elevar, e fazer depois uma excepção isentando d'esses impostos os commerciantes portuguezes que para ali fossem.

Terminou, insistindo na importancia que tinha para o desenvolvimento do commercio a construcção das estradas e outras vias de communicação, e apontando a existencia de centros de população a 15 e a 20 kilometros do litoral, dos quaes estavamos completamente afastados e sem relações algumas, pela falta de caminhos; o que dava logar ao atrazo em que se achavam aquellas populações, a ponto de serem ainda desconhecidas as leis da libertação dos escravos, tendo succedido virem os patrões exigir as ferias dos pretos que trabalhavam nas obras publicas, por se julgarem com direito a recebel-as. Finalmente, que lhe era muito agradavel, a elle orador, registar que o preto trabalha livremente da melhor vontade, quando tem a certeza de receber e poder applicar como quizer o fructo do seu trabalho.

O sr. Machado pediu depois ao sr. presidente que lhe reservasse a palavra para a proxima sessão.

Os muitos applusos da assembléa testemunharam ao orador a satisfação com que fôra ouvido.

O sr. Fernando Pedrozo disse que via sentado entre os socios o digno director das obras publicas de Angola, sr. Manuel Raphael Gorjão, e portanto pedia tambem a s. ex.ª que se dignasse, em outra sessão, communicar á sociedade as suas impressões e o que entendesse dever informar sobre aquella provincia.

O sr. Leonardo Torres declarou que pedira a palavra para dizer alguma cousa sobre o clima africano, e que esperava mostrar que as opiniões dos srs. Ferreira Ribeiro e Joaquim J. Machado, embora parecessem oppostas, se concordavam perfeitamente. Devendo, porém, ser muito longa a sua exposição e es-

tando a hora adiantada, pedia que lhe fosse reservada a palavra para outra sessão.

O sr. M. Raphael Gorjão disse que, independentemente do convite que lhe fôra feito pelo sr. Pedrozo, tinha já a intenção de, ao regressar da Africa, vir ao seio da sociedade, dizer alguma cousa sobre o que por lá vira, o que faria em outro dia; comtudo, como o sr. Ferreira Ribeiro se tivesse referido á expedição de que, elle orador, fôra chefe, não queria por modo algum deixar de participar n'esta sessão, que a expedição a seu cargo não tinha felizmente prejudicado a Africa, no que respeitava á influencia do clima, nem evitado, por conseguinte, que outros fossem continuar as obras começadas, com o que muito se regosijava.

.....

Sessão em 22 de dezembro de 1880

PRESIDENCIA DO ex.mo sr. Gerardo Pery (vogal da direcção)

SECRETARIOS { Luciano Cordeiro
Rodrigo Affonso Pequito

. . . . . .

O sr. Fernando Pedrozo, obtendo a palavra antes da ordem do dia, pedio aos srs. Joaquim José Machado e Manuel Raphael Gorjão que se dignassem dar algumas informações sobre o estado moral dos indigenas africanos, apontando o que entendessem sobre a instrucção e religião d'aquelles povos, e bem assim da influencia que poderiam ter as missões religiosas para a civilisação das raças aborigenes.

O sr. JOAQUIM JOSÉ MACHADO, continuando a sua communicação, principiou por fazer uma resenha do que anteriormente havia dito, e sendo o seu principal intuito mostrar que as vias de communicação tinham muita influencia no desenvolvimento do commercio, da industria, da agricultura, e no progresso da civilisação africana, accrescentou ainda algumas informações sobre o movimento commercial da provincia de Moçambique. Que o commercio d'aquella possessão podendo avaliar-se em media annual, na importancia de dois mil a dois mil e quinhentos contos de réis, era quasi todo estrangeiro; que percorrendo as estatisticas commerciaes se observava que a im-

portação e a exportação se faziam em navios estrangeiros e que não ia ali um navio portuguez. Que alguns queriam explicar isto com a circumstancia que se dava de soffrerem grandes prejuizos todas as cazas portuguezas da metropole que mandavam lá os seus navios; mas que se não deviam attribuir estas perdas senão ao máo systema que havia de commerciar.

Os armadores e carregadores da metropole não tinham correspondentes consignatarios na provincia de Moçambique e tanto os navios como os carregamentos iam á consignação dos respectivos capitães. D'ahi resultava que, chegado um navio a Lourenço Marques, era alugado em terra pelo capitão um armazem para o qual fazia descarregar as mercadorias e começava a vendel-as; passados dois mezes embarcava para o navio as que não houvesse vendido, e seguia viagem para Inhambane, onde procedia do mesmo modo, demorando-se igual espaço de tempo; depois seguia para Quilimane e assim percorria os portos principaes da costa, repetindo sempre os mesmos actos. Era evidente a necessidade de lucros fabulosos que fizessem face ás grandes despezas do navio que permanecia por tanto tempo com o mesmo carregamento; e sendo impossivel a obtensão de taes lucros, não admirava, pois, que a navegação entre a metropole e aquella provincia fosse rareando, e hoje se considere extincta. Ao mesmo tempo iam ali muitos navios estrangeiros, que alimentavam um commercio que se fazia nas condições modernas; isto é, chegado o navio descarregava e entregava a carga ás cazas incumbidas da sua venda, fazia outro carregamento e seguia viagem. Se os nossos commerciantes procurassem ali os seus agentes, ou os mandassem para lá, tirariam com certeza bons resultados das suas operações mercantis com a provincia, devendo a administração central remediar ao mesmo tempo outros inconvenientes a que era forçoso attender.

Referira-se na sessão anterior e insistia novamente no facto que se dava em Moçambique de irem para ali muitos Baneanes, Parses, e Mouros da India Ingleza não com o intuito de fixar a sua residencia, mas sim para exercerem temporariamente um commercio, que aproveitando pouco á provincia impedia o estabelecimento de commerciantes portuguezes, atten-

ta a impossibilidade da concorrencia. Não queira, elle orador, que se expulsassem, mas sim que se tomassem quaesquer medidas a fim de manter o equilibrio que devia, por sem duvida, existir entre os varios elementos que constituiam a população de Moçambique. A exportação da moeda de ouro promovida por aquella gente precisava igualmente ser considerada, porque os embaraços que causava á circulação eram evidentes, como observára na sessão anterior.

Não havia meios de estabelecer relações commerciaes com a metropole emquanto se não promovesse o estabelecimento de cazas portuguezas; e conseguido isto, veriamos então desenvolver a navegação mercante, que seria sempre limitada em navios de vella, porque os ventos que ali correm são ventos de monção—a monção do sul de abril a setembro, e a monção do norte de outubro ou março — e só poderia ser vantajosa em navios a vapôr.

O contracto que actualmente existia entre e governo e a companhia de navegação *British India* não era rigorosamente cumprido por parte d'esta companhia, causando graves transtornos aos que precisavam de transportes. O contracto anterior obrigava os vapores a tocar em Moçambique, Quilimane, Inhambane e Lourenço Marques, porém tendo sido sublocada uma parte da carreira á companhia *Union*, aquelles vapores iam só ao primeiro porto e a carga destinada aos demais portos era baldeada para um navio d'esta outra companhia, o qual percorrendo então o resto da escala exigia novos fretes, quando a companhia *British India* na occasião de receber a carga tinha cobrado o frete por inteiro até o porto do destino, accrescendo que alguns dos paquetes da *Union* sendo de lotação muito superior não podiam entrar nos portos de Inhambane e Quilimane.

Precisava pôr-se cobro a similhante estado de cousas; e desde que começou a vigorar o actual contracto, deixou de haver a baldeação em Moçambique, principiando então a dar-se outros inconvenientes, porventura mais prejudiciaes, que resultavam de não tocarem aquelles vapores á ida ou á volta e muitas vezes tanto á ida como á volta em todos os quatro por-

tos, a que pelo seu contracto se obrigára a tocar; e os portos onde deixavam de entrar eram Quilimane e Inhambane. Alem d'isto as faltas que se encontravam na carga, por serem abertos a bordo com a maior semceremonia muitos volumes, era um facto que devia merecer igualmente a attenção do governo, ao qual seria necessario recommendar tambem o porto do Ibo, que pela sua importancia commercial merecia que ali aportassem os vapores da carreira. Ibo e Quilimane eram os mercados onde actualmente affluia o marfim, artigo este em que outr'ora se fazia um grande commercio.

A proposito acrescentou que o negocio do marfim reclamava sérias providencias, porque sendo muito pequenos relativamente os dentes que vinham ao mercado, e a ser verdade que por anno se matem em Africa cerca de vinte mil elephantes como supponha Livingstone, poderá talvez prevêr-se a extincção de um tão rico producto commercial. Occorria-lhe, a elle orador, que do mesmo que a administração central determina as épocas em que deve caçar-se e o tamanho que deve ter a malha das redes de pescar, no intuito de não extinguir as especies de animaes destinados á alimentação, assim tambem poderia prohibir-se a exportação de dentes de marfim de pezo inferior ao que se determinasse.

Que para fortalecermos o commercio e promovermos o desenvolvimento industrial da provincia era conveniente que occupassemos alguns pontos do interior e outros da costa. No interior: Manica, Quiteve e margens do Nyassa, a que alludira na sessão antecedente. E que se não tratassemos d'isso corriamos o risco de vêr estabelecerem-se em Manica e Quiteve outros povos europeus do mesmo modo que já se achavam estabelecidos os inglezes no Nyassa.

Ao partir para a Europa soubera de uma numerosa expedição ingleza que ia entrar por Sofala em direcção ao interior, e suppunha que o fim d'esta expedição era conferenciar com o Muzilla a respeito de Manica, localidade muito apetecida pela sua riqueza. Se os inglezes chegarem a fazer quaesquer contractos será grande o nosso prejuizo porque se nós obtivessemos aquelle ponto ficavamos possuindo ali uma importante re-

gião, em forma de um quadrilatero tendo por um dos lados a margem do Zambeze e sendo os outros pontos principaes Sofala, Manica e Sena.

Seria muito facil, para nós, vencermos Manica por Sena ou por Sofala se as auctoridades portuguezas no ultramar se compenetrassem dos nossos interesses e n'elles cuidassem dedicadamente.

Apesar de em tempos passados termos concorrido a uma feira importante que se fazia em Manica, talvez a expedição que foi agora para ali venha depois dizer que descobriu este ponto e que viu as neves da serra de Gurungoza, como succedeu com o lago Nyassa a respeito do qual se diz modernamente que foi descoberto por Livingstone em 1859, quando uma carta de Lopes Lima publicada em 1849 tem já este lago, e sabendo-se mais que Livingstone estando em Tete em 1856, ahi fallou com o portuguez Candido da Costa Cardozo que lhe deu informações sobre o lago; e que em 1858 entrando Livingstone pelo Zambeze com o dr. Kirk foi este medico chamado a tratar do portuguez João de Jesus Maria, que deu tambem informações muito minuciosas sobre o mesmo lago, aonde havia estado em 1824, em companhia de Caetano Xavier Velasques filho d'um Velasques que acompanhára o major Gamitto ao Cazembe. Além d'estes muitos outros portuguezes sabiam já da existencia do Nyassa, como, por exemplo, Ignacio de Menezes pae de um homem muito conhecido hoje na Zambezia pelo nome de Ignacinho.

Que ao sul do Nyassa tem se desenvolvido consideravelmente duas missões inglezas e portanto era forçoso que occupassemos aquelle lago para nos não ser contestada a posse, citando a proposito duas notas que leu no livro branco de 1877, dirigidas ao nosso governo pelo ministro inglez, por occasião de se fazer uma concessão para a navegação a vapor no Zambeze, e das quaes se inferia que a Inglaterra queria disputar o nosso direito ao mesmo lago.

Indicou depois os portos da costa que devemos tambem tratar de occupar e citou os de Mucambo, Fernão Vellozo e Pemba, referindo então que em Fernão Vellozo havia madeiras pre-

ciosas, mas que era necessario estabelecer regras para o aproveitamento das florestas, afim de que estas se não percam, com os cortes intempestivos e prejudiciaes que lhes possam fazer.

Terminou a parte relativa ao desenvolvimento commercial, alludindo ao auxilio que lhe presta o credito, e expondo a conveniencia que havia do Banco Ultramarino estabelecer agencias em Quilimane e em Lourenço Marques.

Passando a avaliar o estado da agricultara e as suas necessidades disse que, o orçamento da provincia não tinha uma unica verba destinada a auxiliar este importante ramo, sendo aliás muito necessario que se applicassem algumas quantias para subsidiar quintas regionaes que servissem de exemplo salutar aos agricultores; para renumerar o trabalho dos agronomos que guiassem convenientemente as operações agricolas; para conferir premios que estimulassem o aperfeiçoamento de varias culturas, a creação de animaes domesticos, etc. Infelizmente, porém, o orçamento da provincia era muito pobre; no actual anno economico o *deficit* era de 141 contos. O governo provincial tinha-se visto obrigado a recorrer muitas vezes ao cofre dos defunctos e auzentes, e ao cofre dos orphãos para acudir ás despezas publicas, succedendo tambem estar em divida, por largo tempo, a homens que estavam cumprindo sentença de degredo por toda a vida. Esta situação desgraçada poderia com certa facilidade melhorar-se se se explorassem sensatamente algumas fontes de receita; devia seguir-se um uso inglez de exigir dos indigenas uma certa quantia por cada palhota, o que teria a dupla vantagem de mostrar sensivelmente a esses povos a nossa soberania, nos territorios em que estivessem estabelecidos; devia tambem cobrar-se um certo imposto por cada palmeira e por cada cajueiro visto que os indigenas extrahiam d'estas arvores uma bebida que muito apreciavam; e que, em summa, seria muito longo se ennumerasse todos os meios porque poderia augmentar-se o orçamento da receita da provincia.

Que era certo termos feito n'este seculo uma enorme despeza com aquella possessão sem d'ella tirarmos resultados directos nem indirectos; mas a razão principal estava em não ter havido um plano bem formado para a applicação d'essa despeza,

aliás teriamos conseguido em largo tempo o que é agora forçoso que se consiga com brevidade.

Com quanto seja máo o estado geral de agricultura na provincia, deve confessar-se que na Zambezia, em Inhambane e em Moçambique ha alguma producção agricola. Em Lourenço Marques foi plantada ao acaso uma videira e o bom resultado que se obteve fez com que a vinha tenda hoje a desenvolver-se. No terreno em que havia o pantano mandou o nosso consocio sr. Diocleciano Fernandes das Neves fazer uma grande plantação de hortaliças, e esta sua experiencia concorreu para que se alargasse consideravelmente aquella cultura.

O que impedia o desenvolvimento da agricultura era a falta de communicações. A Zambezia tinha uma importante rede de rios e canaes, na extensão de centenas de kilometros, que foram outr'ora navegaveis, mas que não se podiam hoje aproveitar em grande parte, porque a espessa vegetação impedia completamente o transito.

Indicou depois sobre o mappa da Zambezia, que apresentou, estes rios e canaes, que são os seguintes: o rio Macuse; o rio Muanange, que se liga com o rio de Quilimane por intermedio do canal Mucello; o rio de Inhamataca; o rio Licuar; o rio de Quilimane, que se liga com o Zambeze pelos canaes Quáqua e Mutu; o rio Linde, que communica com o rio de Quilimane pelos canaes Barue, Matalune, da Chica ou Olinda; o rio Maindo, que communica com o rio Linde pelo canal Inhamgoma; o rio Inhamhoma, que se liga com o rio Maindo pelo canal Zunde; o rio Inhamiara, que se liga com o rio Inhamhome pelo canal d'este nome; o rio Inhamhombe, que se liga com o rio Inhamiara pelo canal Deremoane; o braço do Zambeze, que termina na barra Catharina ou Muzello e que se liga com o rio Inhamhombe pelos canaes Chinde e Maria; o braço do Zambeze, que termina na barra Cuama, ou Zambeze ou Luabo d'Este; o braço do Zambeze, que termina na barra do Inhamissengo ou Congune e que se liga com o braço anterior pelos canaes Merandene, Cuama e Inhamgure; o rio Melambe, etc. etc.

Que os arrendatarios dos prazos tinham d'antes a obrigação de

limpar os rios e os canaes na parte em que entestavam com os seus terrenos; mas perdeu-se este uso, e hoje a despeza a fazer com a necessaria limpeza é aproximadamente de sessenta contos de réis. Feita ella devem restabelecer-se as antigas praxes afim de evitar este obstaculo ás communicações d'aquella importante região. A mesma obstrucção se encontra no rio da Mutamba que vem ter a Inhambane e por meio do qual se suppõe que se podia estabelecer communicação com o lago Inharime que por ali existe mas não está ainda mencionado nas cartas. Que, portanto, era conveniente que a direcção de obras publicas tivesse uma secção de rios e canaes, encarregada de conservar aquellas vias em estado navegavel.

Que o que tem impedido o desenvolvimento da agricultura na baixa Zambezia, entre Inhambane e o Zambeze, são as repetidas invasões dos Landins, que pelas devastações e atrocidades que praticavam eram o terror dos pretos do Zambeze. A sua audacia ia ao ponto de exigirem tributos, até que uma vez foram repellidos pelo corajoso governador de Sena João de Sousa Machado, então alferes e fallecido mais tarde no posto de capitão de cavallaria. Era preciso por qualquer meio evitar estas correrias dos Landins, ou entrando em relações diplomaticas com o seu chefe, o Muzilla, que é nosso amigo em Lourenço Marques e Inhambane, indifferente em Sofala e hostil em Sena; ou batendo-os desapiedadamente, para o que tinhamos em Sena um bom ponto estrategico, na margem direita do Zambeze.

Parecia que depois da guerra da Zambezia se tinha apossado de nós um grande panico e que tinhamos receio de luctar com as tribus indigenas, o que era de muito prejuizo; porque embora nos corresse o dever de empregar os meios diplomaticos para a solução pacifica de quaesquer questões, não deviamos deixar de empregar a lucta guerreira quando fossemos obrigados a isso, pela importancia do assumpto, afim de não nos mostrarmos fracos perante aquelles povos. Que a guerra da Zambezia nos havia custado talvez uns dois mil e quinhentos contos, mas que muito superior a esta perda e, portanto, peior do que ella, foi o perdermos tambem, em parte, o presti-

gio do nome portuguez. Aquella guerra tinha tido origem, segundo se dizia, na falta de cumprimento de um contracto particular celebrado entre o governador de Tete e o Bonga. Vendera este governador ao Bonga uma casa por um certo numero de pontas de marfim, e não tendo recebido o numero ajustado, deu este facto começo a uma questão de que mais tarde resultou aquella guerra.

A recordação d'essa lucta sanguinolenta, em que haviamos perdido tantos irmãos nossos, entristecia profundamente, por se saber que não faltára a coragem, e que a falta tinha sido de plano e de quem administrasse e dirigisse convenientemente as operações da campanha. Os officiaes e os soldados haviam mostrado uma bravura e uma heroicidade muito honrosas para o nome portuguez e fazia realmente pena que aquellas preciosas vidas cortadas a golpes de machado não fossem confiadas a quem soubesse dirigil-as, porque então a victoria seria certa.

Continuando a indicar alguns productos da provincia disse que em Tete se encontrava muito anil e que o sr. Paiva d'Andrada apresentára uma porção, preparada por processos grosseiros, a um analysta de Paris, que lhe proposera a compra de todo o que produzisse a razão de tres contos e seis centos mil réis a tonelada. Que em todos os pontos se encontravam a borracha e o tabaco, mas que estes productos eram preparados pelos pretos da maneira mais rudimentar.

Que o atraso da agricultura era tambem devido a não termos meios praticos de ceder os terrenos. Havia uma lei que regulava estas concessões, mas não era pratica. E para mostrar o modo como se faziam concessões leu uma portaria publicada no Boletim official da provincia, n.º 21 de 1880, que provocou o riso por parte da assembléa na passagem em que se queria designar a medição do terreno concedido, pois dizia assim: *tantos hectares de comprimento e tantos hectares de largura.*

Que determinando estas portarias, na conformidade da lei, que se proceda á medição dos terrenos pedidos, e nunca se effectuando tal medição, resultava o não se ultimarem os processos de concessão; e portanto era urgente que se creasse

uma repartição de agrimensura que fosse incumbida de ultimar as concessões feitas.

Expoz em seguida o estado actual das industrias na provincia e indicou as que podiam desenvolver-se proveitosamente. Disse que das informações mensaes dadas pelos governadores dos districtos e publicadas nos boletins officiaes se via claramente que as unicas industrias existentes na provincia eram as da fabricação de colheres de páo, panellas de barro ordinario, esteiras e cordas de cairo. Que deviam ali desenvolver-se todas as industrias indispensaveis ás construcções e que as considerava de grande necessidade, porque a abundancia de palhotas em pequena area, como succedia na ilha de Moçambique, onde haveria talvez duas mil n'um limitado espaço, produzia um verdadeiro foco de infecção; mas que a auctoridade não podia estabelecer prescripções para as construcções, por não haver materiaes baratos para ellas. De que as vias de communicação concorriam para que se montassem algumas fabricas estava provado com a construcção da estrada que parte de Morangul em virtude da qual se estabelecera já uma fabrica de telha e tijolo.

A industria dos tecidos poderia tambem alimentar se, porque ultimamente se haviam começado a fazer grandes plantações de algodoeiros; e bem assim deveria desenvolver-se a da fabricação de assucar por ter-se alargado a cultura da canna em Inhambane e outros pontos. Finalmente, as sementes oleoginosas e os coqueiros podiam do mesmo modo provocar o estabelecimento de muitas outras industrias.

Que estas questões tinham todas um grande alcance para a prosperidade da provincia de Moçambique e mereciam bem ser tratadas com maior largueza, porém que, elle orador, não desejando tomar mais tempo á sociedade, apenas indicava os pontos principaes.

Restava-lhe mostrar como é que a construcção das estradas concorria tambem para a civilisação dos indigenas; e faria isso em poucas palavras. Devendo essas obras empregar um grande numero de braços, nós veriamos que o preto, gastando como entendesse a sua féria, crearia assim certas necessidades, e pa-

ra satisfação d'ellas seria obrigado, mais tarde, quando as obras publicas o despedissem, a procurar trabalho na industria particular.

Que era chegado o momento de satisfazer os desejos que o consocio sr. Fernando Pedrozo manifestára no principio d'esta sessão. O estado moral do indigena não é bom e a sua educação não é nenhuma. Em Quilimane existia uma escola onde chegaram a matricular-se cento e tantas creanças, mas não havia casa propria para lhes dar a instrucção. Em Inhambane succedia o mesmo. Em Moçambique não havia escola; e ha poucos annos fôra ali creada uma escola de officios, chegando a ser frequentada por sessenta e tantas creanças.

O abandono a que tinham chegado as coisas religiosas era tambem muito prejudicial para os nossos interesses. No Ibo, Inhambane, Quilimane, e Sena tinhamos algumas egrejas, que hoje estão em muito máo estado. Em Lourenço Marques não havia egreja.

Pedia á sociedade de geographia que desse principio a uma propaganda, que era preciso fazer em Portugal, para que no ultramar se prestasse mais alguma consideração aos assumptos religiosos, tratando-se desde já de reconstruir muitos dos magnificos templos que tivemos. Em Moçambique os melhores edificios que ali houve foram os conventos. Em Sená tivemos tambem bons conventos, que hoje se acham em completa ruina. Foi n'esta localidade que, elle orador, vira reunidas n'uma pequena palhota as imagens que constituiam os unicos vestigios d'aquellas egrejas, e perguntando a um padre indio os nomes d'estas differentes imagens, obtivera em resposta a respeito de todas ellas as palavras *Ecce homo*.

A proposito chamava tambem a attenção para o clero que temos nas nossas possessões, porque tal como era não podia ser respeitado, nem desenvolver a religião. Que d'antes não procediamos d'este modo e que ainda se viam por ali os resultados dos bons serviços que prestaram a Portugal os padres portuguezes. No convento do Zumbo houvera um tão bom padre, Frei Pedro, e conseguira um tal prestigio, que os pretos nas suas occasiões de afflicção invocam ainda hoje a sombra

de Frei Pedro. Na Zambezia ha operarios que trabalham o ferro, o ouro, o marfim e em tecidos, e sabe-se que foram os padres que lhes levaram lá o ensinamento, que depois se transmittio de geração a geração. Considerava por absoluta necessidade a catechisação e chamamento dos pretos indigenas á religião christã e que dizia isto com tanta maior imparcialidade quanto, elle orador, tinha a respeito dos povos illustrados opiniões muito diversas.

O preto é fatalista. Sabe-se que na Zambezia o crocodillo faz, por anno, cerca de duzentas e quarenta victimas porque o o preto não foge d'este animal, tal é a crença que tem, de que se tiver de morrer não lhe valerá de nada o fugir; de onde se concluia que ao preto se poderiam incutir facilmente as crenças religiosas, despertando n'elle o habito do trabalho. E que nenhuma duvida tinha em declarar, que considerava a religião christã como um poderoso instrumento de civilisação dos indigenas africanos. Era preciso tratar seriamente da questão religiosa, porque, com o desmoronamento dos nossos templos christãos, contrastava singularmente o crescido numero de bem tratadas mesquitas de mouros; e que a religião d'esta gente tinha mais attractivos para os indigenas porque acceitava a escravidão que uns pretos faziam a respeito de outros, admittia o cazamento com muitas mulheres, e permittia que os homens não fizessem nada, e sim obrigassem as mulheres ao trabalho.

Que soubera com tristeza que, em tempo, fôra um grande potentado, de uma região do interior, procurar o governador do Ibo para lhe pedir que mandasse para as suas terras um padre portuguez, e que esse governador não tivera meios de satisfazer tal pedido.

Desejava, elle orador, dizer alguma cousa sobre a escravatura e estimava de participar á sociedade que n'aquella provincia e nas aguas portuguezas não se faziam já carregamentos de escravos; e que os navios inglezes do cruzeiro não encontravam vestigios de tão nefando commercio. O consul inglez tinha tal empenho em descobrir os menores traços de negocios de escravos que promettia gratificações avultadas aos seus pretos de confiança se lhe denunciassem qualquer facto que se désse n'a-

quelle sentido. Os pretos, movidos pelo interesse, informavam-o de que em tal porto se faria, em determinado dia, um embarque de escravos. O consul participava a denuncia á auctoridade portugueza, e immediatamente saía um navio levando a bordo, algumas vezes, officiaes da marinha ingleza, afim de presenciarem o cuidado que tinhamos n'esta questão. Mais tarde voltava o navio sem nada ter encontrado. Que isto se repetia varias vezes e folgava de que as auctoridades inglezas fossem as primeiras a testemunhar o interesse com que tractavamos do assumpto e a reconhecer a extincção d'aquelle trafico. Ultimamente haviam chegado á Europa umas noticias que sobresaltaram a opinião e provocaram uma portaria do então ministro do ultramar, sr. marquez de Sabugoza, porém que, elle orador, estando em Moçambique e tendo tido conhecimento do succedido, podia affirmar com o testemunho proprio que o facto da apprehensão dos tres pangaios com 200 escravos, a que se referia aquella portaria, não tinha existido, e simplesmente houve o aprisionamento de um pangaio sem escravos, que foi julgado boa presa por se lhe encontrarem indicios de querer occupar se n'aquelle trafico.

Que extinguimos a escravatura, mas que precisavamos regenerar o preto pelo trabalho, e, se guiarmos bem o indigena, teremos n'elle um bom operario. Pudera verificar que o preto tem facilidade em aprender os officios de pedreiro, carpinteiro e outros; tem vocação para a musica, e muita habilidade para o desenho.

Queria finalisar refutando uma idéa que se começava a propalar, e fôra exposta francamente pelo consocio sr. Ferreira de Almeida, de que nós possuiamos colonias demais e que, não podendo alimentar todas ellas, deviamos alienar algumas, começando pela provincia de Moçambique. Que se argumentava com a relação que existia entre os paizes europeus e as suas respectivas colonias para provar que nós temos colonias demais; porém que, elle orador, não admittia que se fizesse tal comparação, pois não via como se podesse tirar similhante conclusão. Que se argumentava com o facto de não termos gente para colonisar tão grandes tratos de terreno, mas que a isso respondia que empregassemos os meios de promover a coloni-

sação com a gente de toda a parte do mundo, fosse qual fosse a sua nacionalidade, e reservando simplesmente para nós a administração, o que exemplificou alludindo ao que se fez na America ingleza, no Brazil, na Australia, etc. Que se condemnava especialmente a provincia de Moçambique porque não nos tem dado resultado, o que não admirava pois não temos tratado conveniente d'ella; e pelo que, elle orador, havia exposto parecia-lhe ter demonstrado e feito entrever o futuro prospero de tão valiosa possessão. Que se condemnava por estar muito longe da metropole, mas que hoje com o vapor e com o telegrapho não tinha valor aquelle argumento. Que se condemnava, finalmente, por que o seu clima era mau e porque a sua agricultura era nulla; mas que os factos provavam que o clima não era peior do que o de Angola e que a agricultura tinha entrado já n'uma phase nova, devendo esperar-se grande desenvolvimento quando realisadas muitas das obras que apontára.

Que não dessemos corpo a tão nefando pensamento e antes tratassemos de instar com o governo que empregasse cuidadosamente os bons methodos de administração colonial.

Que agradecia á sociedade a attenção que lhe tinha dispensado e muito estimava de vêr o interesse com que o havia escutado.

A assembléa applaudio com enthusiasmo o sr. Machado.

O sr. Ferreira Ribeiro manifestou a sua satisfação pelas importantes communicações feitas pelo sr. Machado á sociedade, em tres sessões consecutivas. Que o distincto engenheiro fizera revelações de muito interesse, que deveriam considerar-se lições de subido valor para todos nós, e que, elle orador, declarava com a maior franqueza que embora se dedicasse de ha muito ao estudo das cousas africanas, ignorava a maior parte dos factos narrados pelo digno director das obras publicas de Moçambique. Que em Portugal se ignoravam estas cousas e, portanto, era conveniente dar ás communicações do sr. Machado muita publicidade. Que o parlamento deveria occupar-se na proxima sessão de varias questões coloniaes que lhe seriam propostas pelo illustrado ministro da marinha, sr. visconde de S. Januario, e já que os pares e os deputados

não queriam concorrer ás nossas sessões, prestasse a sociedade mais um serviço ao paiz, distribuindo pelos seus legisladores todas estas informações, a fim de os habilitar convenientemente a votar as medidas indispensaveis para a reorganisação da administração colonial. Que era igualmente necessario chamar a attenção do governo para os assumptos de que o digno consocio sr. Machado se occupára.

Com estes fundamentos propunha: 1.º Que se conferisse um voto de louvor e agradecimento ao sr. engenheiro Joaquim José Machado pelos importantes serviços prestados ao paiz não só na direcção de obras publicas de Moçambique, mas tambem nas communicações feitas á sociedade de geographia; 2.º Que se publicassem em separado com a maior brevidade as actas das tres ultimas sessões, em que o sr. Machado usára brilhantemente da palavra, e que esse folheto se distribuisse pelas duas casas do parlamento; 3.º Que se representasse ao governo pedindo immediatas providencias que remediassem os males apontados.

O sr. Joaquim José Machado agradeceu a primeira proposta do sr. Ferreira Ribeiro e informou a sociedade de que estava na intenção de publicar um livro sobre a provincia de Moçambique, no qual trataria, com maior largueza, os assumptos de que se occupára. Que, não podendo fazer-se a publicação com a brevidade desejada, se não oppunha a que se publicassem desde já as actas das ultimas sessões.

O secretario Rodrigo Pequito pediu, com assentimento da assemblea, ao sr. Machado que se dignasse revêr as notas das actas e as ampliasse como entendesse, para a publicação em folheto [1].

Procedeu-se á votação das tres propostas do sr. Ferreira Ribeiro, e foram unanimemente approvadas.

. . . . . .

---

[1] O sr. Joaquim José Machado, tendo partido, em meiado de janeiro, para a provincia da Guiné, no desempenho de uma commissão official, não poude revêr estas notas.—O 2.º secretario, *R. A. Pequito.*